

Teoria da Literatura: distinção entre teoria e crítica literárias

Bonete Júlio João Chaha *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-1430-6743>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os conceitos de teoria e crítica literárias, procurando, de certa forma, discuti-los, numa vertente de estudos literários e estabelecer os limites existentes entre si, à luz de vários teóricos e estudiosos da matéria, como Atkins (1934); Wellek & Warren (1966); Aguiar e Silva (1976); Culler (1999); Samuel (2002). A abordagem desta temática, nos estudos literários, mostra-se oportuna à medida que procura trazer e discutir as discrepâncias dos conceitos em referência, uma vez que são conceitos interdependentes e, um faz-se valer de outro no seu objeto de análise. Este é um estudo de natureza bibliográfica e qualitativa, que se apoia nos métodos indutivo e analítico de conteúdo para a sua realização. Cientificamente, as obras literárias têm sido criticadas ou avaliadas há séculos, tendo em conta vários critérios que dependem, entretanto, de princípios, época, origem, história, natureza e função delas. Nessa avaliação, a teoria e a crítica literárias são conceitos inerentes aos estudos literários e, os críticos literários utilizam-se da crítica para fazer o julgamento das artes, das obras literárias, pois ela serve de ferramenta que permite analisar com profundidade os textos literários, atribuindo, dessa forma, o seu valor estético e a categoria de uma obra literária. Os estudos literários incluem tanto a crítica quanto a história e a teoria, o que permite afirmar que estas três ferramentas raramente poderiam ser imaginadas como isoladas. Portanto, toda obra está sujeita à críticas, que permitem a sua reformulação, ou seja, aperfeiçoamento, como produto de várias leituras, sendo, dessa forma, o *feedback* ao autor da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da literatura; Teoria; Crítica; Obras literárias

Literature Theory: the distinction between literary theory and criticism

ABSTRACT: The aim of this work is to reflect on the concepts of literary theory and criticism, seeking, in a certain way, to discuss them, in the field of literary studies and to establish the existing limits between them, in the light of various theorists and scholars of the matter, such as Atkins (1934); Wellek & Warren (1966); Aguiar e Silva (1976); Culler (1999); Samuel (2002). The approach of this theme, in literary studies, proves to be opportune as it seeks to bring and discuss the discrepancies of the concepts in reference since they are interdependent concepts and one makes use of the other in its object of analysis. This is a bibliographical and qualitative study, which relies on inductive and content analytical methods for its realization. Scientifically, literary books have been criticized or evaluated for centuries, taking into account various criteria that depend, however, on their principles, time, origin, history, nature, and function. In this evaluation, literary theory and criticism are concepts inherent to literary studies, and literary critics use criticism to judge the arts, and literary books, as it serves as a tool that allows for an in-depth analysis of literary texts, thus attributing its aesthetic value and the category of a literary book. Literary studies include both criticism and history and theory, which allows us to state that these three tools could rarely be imagined as isolated. Therefore, every book is subject to criticism, which allows its reformulation, that is, improvement, as a product of several readings, thus being feedback to the author of the book.

KEYWORDS: Literature theory; Theory; Criticism; Literary books.

* Graduado em Ensino do Português com Habilitações em Ensino de Inglês pela Universidade Licungo e docente do Instituto Médio Politécnico de Moçambique, Distrito de Chimoio, Província de Manica. E-mail: bonetechaha@hotmail.com

Dzidzo Yeriterature: musiyano pakati pedzidziso yezvinyorwa netsoropodza

ABSTRACT: Chinangwa chebasa iri ndechekufunga nezve pfungwa dzechinyorwa dzidziso uye kutsoropodza, kutsvaga, neimwe nzira, kukurukura navo, mumunda wezvidzidzo zvekunyora uye kumisikidza miganhu iripo pakati pavo, muchiedza chekasiyana dzidziso uye. nyanzvi dzenyaya, dzakadai saAtkins (1934); Wellek & Warren (1966); Aguiar e Silva (1976); Culler (1999); Samuel (2002). Mafambiro edingindira iri, muzvidzidzo zvechinyorwa, anoratidza kuti akakodzera sezvo richida kuunza nekukurukura kusawirirana kwezvirevo zviri muchirevo sezvo ari pfungwa dzinodyidzana uye imwe inoshandisa imwe pakuongorora kwayo. Ichi chidzidzo chebhaibheri uye chemhando, icho chinotsamira pane inductive uye zvinyorwa zvekuongorora nzira dzekuzadzikiswa kwayo. Sainzi, mabhuku ezvinyorwa akashoropodzwa kana kuongororwa kwemazana emakore, tichifunga nezvemaitiro akasiyana anotsamira, zvisinei, pamisimboti yavo, nguva, mavambo, nhoroondo, hunhu, uye basa. Mukuongorora uku, dzidziso yezvinyorwa uye kutsoropodza ipfungwa dzinowanikwa muzvidzidzo zvezvinyorwa, uye vatsoropodzi vezvinyorwa vanoshandisa kutsoropodza kutonga hunyanzvi, uye mabhuku ezvinyorwa, sezvo inoshanda sechishandiso chinobvumira kuongororwa kwakadzama kwezvinyorwa zvezvinyorwa, nekudaro zvichireva aesthetic value uye chikamu chebhuku rezvinyorwa. Zvidzidzo zvekunyora zvinosanganisira zvese kutsoropodza uye nhoroondo uye dzidziso, izvo zvinotitendera kutaura kuti maturusi matatu aya haakwanise kufungidzirwa seakasarudzika. Naizvozvo, bhuku rega rega rinoshoropodzwa, izvo zvinobvumira kugadziridzwa kwaro, ndiko kuti, kuvandudzwa, sechigadzirwa chekuverenga kunoverengeka, nokudaro kuve mhinduro kumunyorori webhuku.

KEYWORDS: Dzidziso yezvinyorwa; Theory; Kutsoropodza; Mabhuku emabhuku

1. Introdução

Este artigo busca refletir sobre os conceitos de teoria e crítica literárias, procurando, de certa forma, apresentar os aspectos divergentes entre si, à luz de vários teóricos e estudiosos da matéria. Assim, a abordagem desta temática reveste-se de tamanha importância no contexto da Teoria da Literatura, uma vez que trata de conceitos estritamente abordados por estudantes de Literatura ao longo dos cursos de graduação e pós-graduação.

Neste contexto, ao se falar da história da teoria e crítica literárias, olha-se como referência o trabalho de Platão, *A República*, como marco inicial de abordagens sobre os termos teoria e crítica literárias. Com efeito, a história de teoria e crítica literárias remonta a antiguidade e, nesse contexto, estes são conceitos aglutinados, à medida que o seu objeto de análise é o discurso de um outro discurso, procurando entender, de certa forma, a essência, a substância de uma obra literária, não só literária, mas também das outras não consideradas literárias.

Aliás, eles são tratados como uma sucessão ou sequência de abordagens ou proposições que competem entre si, cada uma com suas posições e convenções teóricas. Por outro lado, estes são interdisciplinares, um discurso com efeitos fora de uma disciplina específica. De um modo geral, teoria e crítica literárias são, entretanto, uma

crítica do senso comum, de conceitos considerados como naturais, uma reflexão sobre reflexão de mecanismos dos quais nos servimos para fazer sentido das coisas, na Literatura e em outras áreas do saber.

Metodologicamente, este artigo é de caráter bibliográfico, que segue uma abordagem qualitativa, fazendo uso dos métodos indutivo e analítico de conteúdo. E, no que diz respeito à estrutura, este apresenta-se em três partes, a saber: a primeira parte é introdutória, na qual se apresenta o objetivo, a justificativa de abordagem do tema e a área de concentração e, a metodologia usada para a sua realização; a segunda é referente ao desenvolvimento do tema, onde são expostos e discutidos vários preceitos de teóricos versados na matéria e apresentados os pontos divergentes entre os conceitos em discussão; a terceira parte é reservada às considerações finais, onde são apresentadas as conclusões tidas ao longo das discussões das várias asserções e, por fim, apresenta-se as referências bibliográficas.

2. Teoria e Crítica Literárias

Para se abordar sobre os conceitos de teoria e crítica literárias, é imprescindível, em primeiro lugar, saber o que é teoria e o que é crítica. Ao se falar da teoria e crítica, trata-se de dois conceitos distintos que se engajam nos estudos literários. No entanto, esses conceitos, no olhar de uma maioria, parecem ser “estranhos”, ou melhor, são “estranhos”, tanto que as suas definições são muitíssimo amplas e geradoras de problemáticas.

Tem-se notado em muitas obras de abordagens teórica e criticamente literárias, diversas e distintas asserções relativamente à que realmente se pode considerar crítica e teoria, suas origens e formas. Nesse sentido, as perguntas que colocamos são as seguintes: *O que é teoria? O que é crítica?* Segundo a UCB (2006, p. 13), a palavra teoria advém do grego *theoría*, que significa “conhecimento especulativo, meramente racional; conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou ciência; opiniões sistematizadas.”

Para Lima (1983, p. 451), “a teoria poderia ainda ser vista não como uma caixa de ferramentas, mas como uma sistematização aprofundada a respeito da literatura¹.”

Nesse sentido, fazendo uma análise das duas ideias, por um lado, podemos entender que, de certo modo, há um casamento entre elas, ou seja, elas partilham o mesmo fio de pensamento, tanto que acabam por desaguar naquilo que é a sua essência, a sistematização de ideias. Por outro lado, os dois autores parecem ter os mesmos

¹ O termo literatura, aqui, deve ser compreendido no seu sentido amplo.

princípios teóricos, à medida que consideram o termo teoria não somente como uma gama de instrumentos, mas como uma série de axiomas, ou melhor, conhecimentos aprofundados e sistematizados a respeito de um campo de saber, a Literatura.

Por sua vez, Culler (1999, p. 12) aduz que teoria é “um conjunto de reflexão e escrita cujos limites são excessivamente difíceis de definir.” Ainda, o mesmo autor, citando o filósofo Richard Rorty, faz menção de um novo gênero misto, que começou no século XIX e cujo mesmo foi apelidado *teoria*, que passou a designar obras que conseguem contestar e reorientar a reflexão em campos outros que não aqueles aos quais aparentemente pertencem (CULLER, 1999, p. 13).

Retomando o adágio acima, percebe-se que teoria é um conceito transcendente, isto é, conceito que atravessa outros campos de saber científico, não se limitando apenas ao campo de estudo de uma certa área do saber. Dito de outro modo, o conceito de teoria, para o autor, tem uma definição imensurável que, por um lado, pode ser analisada do ponto de vista restrito e, por outro, dilatado, englobando diversas e distintas dimensões do homem. Numa outra perspectiva, Culler (1999) diz o seguinte:

A teoria é muitas vezes uma crítica belicosa de noções de senso comum; mais ainda, uma tentativa de mostrar que o que aceitamos sem discussão como “senso comum” é, de facto, uma construção histórica [...], a teoria envolve um questionamento das premissas ou pressupostos mais básicos do estudo literário, a perturbação de qualquer coisa que pudesse ter sido aceita sem discussão (p. 14).

Tendo em conta esse pensamento, percebe-se que o autor olha para a teoria como uma ferramenta de reformulação do conhecimento popular (senso comum), ou melhor, um veículo de ascensão de reflexões em torno daquilo que se considere indiscutível e aceite como cabal superficialmente. Segundo Coutinho (S/d, p. 136), o termo “crítica” provém do grego designando “a acção de julgar; discriminar, encerra em si a noção de “avaliação.” De maneira diferente, Wellek & Warren (1966, p.48) dizem que:

Entenderiam a palavra “crítica” em termos largos para significar não só os juízos sobre livros e autores, individualmente considerados, a crítica “de juízo”, a crítica prática, demonstrações de gosto literário, mas também e principalmente o que se tem pensado a respeito dos princípios e da Teoria da Literatura, da sua natureza, criação, função, efeitos e relações com as outras actividades do homem, os seus géneros, artifícios e técnicas, as suas origens e a sua história.

Entretanto, se olhar para os postulados referidos, pode entender-se que os autores chamam a atenção quanto ao emprego ou uso do termo crítica no seu sentido restrito, tornando-o extensivo a todos os âmbitos, partindo da sua gênese, função, efeitos e as relações que mantém com as atividades intelectuais do homem, não só isso, mas também que se tome em consideração a natureza e a história do termo no âmbito do seu uso.

Por outro lado, Atkins (1934, p. 4) diz que o conceito de crítica é descrito como “uma actividade de tipo multifacetado; ela pode consistir em teorizar ou julgar, legislar ou apreciar.” Fazendo uma apreciação do acima exposto, percebe-se que o autor considera crítica como um conceito cujas tarefas são diversas e distintas, podendo ser, entretanto, usado para construir teoria ou princípios, leis ou analisar certos fatos ou ideias propostas.

Portanto, das várias posições arroladas sobre o termo crítica, considera-se, ou melhor, toma-se como satisfatória a posição de Wellek & Warren (1966), visto que ela envolve vários aspectos, isto é, esses autores, do ponto de vista hermenêutico, definem crítica tendo em conta a origem, a história, a função, a natureza e a sua relação com as atividades do homem no seu dia-a-dia.

2.3 Teoria e crítica literárias: *Que distinções?*

Relativamente aos termos teoria e crítica literárias, Wellek & Warren (1966, p. 48) apontam que as distinções mais importantes são as estabelecidas entre a teoria literária, o criticismo literário e a história literária. No entanto, é somente com Platão que surge pela primeira vez a teoria da literatura. Nesse primeiro momento, a teoria literária não se coloca como uma disciplina autônoma, mas articula-se com as doutrinas morais, éticas, filosóficas e políticas do filósofo. Ela representa o primeiro esforço de sistematização e de conceitualização de valores, que vinham sendo desenvolvidos na literatura grega (WELLEK & WARREN, op. cit. p. 48). A par disso, Atkins (1934, p.69) corrobora, dizendo que:

Podemos notar em Górgias traços da existência de uma teoria literária já no séc. V a.C. Mas é somente com Platão que começa um criticismo mais filosófico, o que o torna o pioneiro na teoria literária: E vendo sua obra como um todo, pode dizer-se com justiça que com ele a teoria literária realmente começa. Ainda, ele acresce que a teoria literária antiga era como um tipo de crítica teórica baseada na filosofia.

Com efeito, Aguiar e Silva (1976, p. 78) diz que a teoria literária ficaria no domínio dos modelos, princípios e categorias, sem conexão com as obras concretas, de modo a poder constituir-se como uma disciplina de especulação apriorística. Em função disso, ela

cumpriria a função de estabelecer os métodos para que a crítica analise os fenômenos literários.

Partindo das proposições tecidas nos parágrafos antecedentes, entende-se que o termo teoria literária, embora tenha os traços da sua existência no séc. V a. C, foi com o grande filósofo Platão que ela começou, como uma alavanca de sistematização e criação de conceitos de valores que se faziam sentir na literatura antiga. Nesse sentido, ela tinha como foco os modelos, princípios e categorias não relacionados com as obras verdadeiramente literárias, de forma a assumir-se como uma disciplina de reflexão baseada nos princípios filosóficos, com o papel de determinar as regras de estudo dos fatos literários. Mais do que isso, Welles & Warren (op. cit. pp. 48-49) olham para a teoria literária como “o estudo dos princípios, categorias e critérios da literatura, ao passo que descrevem o criticismo literário e a história literária como os estudos das obras de arte concretas.” Na perspectiva de Samuel (2002, p.7):

A teoria literária reúne uma coleção de ciências que alguns tratam por “teoria da literatura”, outros de “teoria literária.” Teoria literária diz-se da teoria que nasce da prática literária da obra, da leitura. Além disso, a primeira tarefa da teoria literária consiste em saber o que é literatura.

Nota-se que, para o autor, teoria da literatura é o axioma cujo objetivo é criticar a literatura, julgar a essência da literatura, procurando, assim, trazer à superfície a essência da sua existência como ciência da arte. Por outra, teoria literária é o produto da práxis, o qual procura refletir sobre os aspectos relativos às obras literárias. Por sua vez, a UCB (2006, p.13) define teoria literária como:

Ciência que possibilita a análise e interpretação das camadas visíveis e invisíveis do texto literário. Na verdade, a teoria literária estabelece os modos pelos quais os estudos literários se podem organizar. Pode dizer-se, entretanto, que a teoria literária instrui os estudos literários ou os estudos da literatura.

Analisada neste prisma, a teoria literária constitui o dispositivo legislativo das obras literárias, o qual define os limites e/ou parâmetros que permitem não só classificar e estruturar um texto como literário, mas também examinar as entranhas dos textos literários, objetivando trazer à tona a sua essência. Na óptica de Oliveira (2009, p.16), teoria literária é:

Um discurso, ou melhor, uma construção discursiva da qual participam muitos agentes, dentre os quais se destacam os autores e os leitores. Entretanto, ela configura-se como uma proposta de interpretação do fenômeno literário. Temos diversos movimentos teóricos importantes que

buscam dar conta da produção literária. Portanto, é comum dizer que a teoria literária “corre atrás” da produção literária para compreender seus mecanismos de realização do modo mais eficiente possível.

Olhando para as posições de Aguiar e Silva (1976), UCB (2006), Wellek & Warren (1966) e Oliveira (2009) sobre o termo em discussão, pode perceber-se que existe uma ponte entre elas, isto é, nota-se uma convergência nas ideias quanto ao conceito de teoria literária. Alias, esses autores consideram teoria literária como um meio legislativo, instrumento de censura dos princípios norteadores que estabelecem critérios de análise de uma obra literária. Por outro lado, para eles, teoria literária é uma catalisadora, define o que deve ser ou não considerado literatura.

No que diz respeito ao termo crítica literária, se considerar a etimologia da palavra “crítica”, pode entender-se como crítica literária qualquer julgamento ou juízo de valor a respeito da literatura. Nesse sentido, a teoria literária que se baseia no julgamento das obras concretas deve ser considerada como um tipo de crítica, bem como os valores literários apresentados em determinado poema. (WELLEK & WARREN, 1966, p. 48). Mais uma vez, Atkins (1934, p. 6) diz que crítica literária passa a ser, dessa forma, um subproduto de outras atividades intelectuais, tais como a filosofia, a retórica e a gramática. Aliado à essa ideia, Samuel (2002, p. 7) diz que a teoria literária funda um tipo de atividade intelectual chamada crítica literária.

Por seu turno, Wellek & Warren (1966, p. 41) dizem que a crítica literária “ora é entendida como uma atividade generalizante, capaz de incluir, sob a sua denominação, diversas formas de pensar a literatura, ora é entendida como uma atividade restrita ao estudo particular das obras concretas de literatura.” Numa perspectiva democrática, Schwarz (1998, cit. em Holanda, 2012, p. 9) sustenta que “a crítica literária pode oferecer um espaço paralelo ao da criação – um exercício de liberdade. Ela é a reassociação imaginante dos recursos de linguagem; de e sobre um dado autor.”

Ainda, Holanda (2012, p. 5) diz que crítica literária “não é nenhuma liturgia que careça de um espaço consagrado para legitimar-se. Há crítica lá onde há uma paixão rigorosa pelo texto e que toma a forma interrogante de quem busca ver seus fundamentos para fazê-lo dizer mais.” No entanto, a crítica literária vem na contramão desse discurso aglutinador de valores e certezas – e aqui já toma a configuração de função crítica tal como a concebe a modernidade:

Seu objeto central é, através da perscrutação da linguagem, do jogo do imaginário, do alargamento das possibilidades do real, buscar uma outra inteligência do fenômeno literário. Remunerar o sentido que subjaz às palavras é carregá-las de uma possibilidade

de liberdade – tarefa do crítico. Ademais, a função da crítica literária guarda a esperança de poder retificar, alargar a leitura. (HOLANDA, 2012, pp. 11-12). A crítica literária busca, na sua plenitude, aprofundar a visão e o imaginário, de modo que se possa olhar além do que se vê, ou seja, pensar além do horizonte, através de uma leitura extensiva, esta que é, de certa forma, a sua essência no contexto de estudos literários. Analogamente, Medeiros (2015, p.15-16, citando Schlegel), postula que:

A crítica literária deve auxiliar a obra de arte a proporcionar a possibilidade de reflexão, de autocrítica, de crescimento e aperfeiçoamento espirituais, pois de acordo com o filósofo da doutrina-da-ciência, *“a liberdade não significa nada mais do que tornar-se consciente de si mesmo”*

Essa crítica literária, que observa a literatura em sua dimensão histórica e estética, busca fundamentar a atividade do crítico de literatura a partir de critérios universais, indicando a necessidade de se encontrar três elementos na obra de arte literária: a tendência, a impressão absoluta, e o ideal individual da obra. Através desses aspectos, o crítico busca transcender a questão advinda de Kant sobre a impossibilidade de um juízo de gosto universal sobre a arte (MEDEIROS, 2015, p. 15).

A crítica literária é esse instrumento de que o leitor, isto é, o crítico da arte precisa para fazer juízo de valor estético da obra, levando em consideração o conhecimento partilhando do mundo e as tendências atuais da arte. É, nesse contexto que Santa (2011, p.7) afirma que:

A crítica literária, por sua vez, vê-se inserida diante de manifestações directamente ligadas ao fazer artístico, sobretudo, pelas relações entre discursos e objectos até então “inéditos” em busca de sistematização, como acontece sempre que uma nova manifestação artística ou tendência se evidencia na arte.

Sobre essas relações envolvendo objetos e fenômenos ligados à teoria literária, Barthes (2003, cit. em SANTA, 2011, p.7), na década de 1970, apontou que:

O objecto da crítica é muito diferente; não é “o mundo”, é um discurso, o discurso de um outro: a crítica é discurso sobre um discurso... daí decorre que a actividade crítica deve contar com duas espécies de relações: a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor observado e a relação dessa linguagem-objecto com o mundo.

Para este autor, o objeto principal da crítica é a reflexão sobre um discurso, devendo, portanto, haver partilha do mesmo código literário entre o crítico (aquele que reflete sobre um determinado discurso), o autor do discurso criticado e o mundo, ou seja,

estes três elementos devem partilhar do mesmo conhecimento do mundo. Assim, Machado de Assis (1865, cit. em Samuel, 2002, p.9) diz que:

A crítica literária diz do valor da obra literária, a procura dos sentidos íntimos, a aplicação das leis poéticas, a relação entre a imaginação e a verdade. Ela verifica factos internos (personagens, estruturas), interpreta-os, verifica seu grau de verdade, seu valor e confere factos “externos”, como a sociedade, a história.

Para Coutinho (S/d, p. 136), a crítica literária seria um processo de avaliação de uma obra ou de obras literárias, e o “crítico” alguém que enuncia juízos críticos ou exerce a crítica literária. Portanto, conforme os aforismos acima, do ponto de vista analítico, a crítica literária seria, de certa forma, uma observação, um comentário, ou seja, uma censura de obras, envolvendo a retórica, com a finalidade de perceber, interpretar os fatos inerentes aos valores sociais, culturais, políticos e até morais, apurando os seus fatos externos e internos, como aludiu Atkins (1934, p. 6), a crítica literária é um subproduto de outras atividades intelectuais, tais como a filosofia, a retórica e a gramática.

Nota-se, contudo, uma dificuldade de se estabelecer os limites entre teoria e crítica literárias. No entanto, Wellek & Warren, (1966, p. 49), apesar de terem definido de forma clara, cada um dos termos, eles defendem uma interpenetração mútua da teoria e da prática, ou seja, da teoria e da crítica. Nesse sentido, torna-se difícil distingui-las uma da outra, uma vez que ambas se interessam nos princípios e critérios que definem a obra literária. Mas, levando em consideração os conceitos de teoria e crítica literárias apresentados pelos distintos autores, pode, de certa forma, estabelecer-se uma diferença entre eles.

A diferença existente entre eles é o seu objeto, isto é, enquanto a teoria literária se preocupa em estabelecer os princípios, critérios, categorias das obras literárias, como disseram Wellek & Warren (1966), a crítica literária analisa os fatos internos e externos das obras literárias, procurando trazer à superfície a sua veracidade, como afirmou Machado de Assis (1865, cit. em Samuel (2002).

Nesse contexto, a crítica literária seria uma resposta de leitores à uma obra, ou seja, uma reflexão crítica sobre a arte instigada pelo contacto do leitor com esta, pois, universalmente, toda obra literária é passível a críticas, ou melhor, o autor espera *feedback* do leitor, senão não seria uma arte, assim como lembra Aguiar e Silva (2007), no prefácio à 8ª edição, “um livro científico-didático que não se renove, com o espírito de

rigor que deve caracterizar a docência e a investigação universitárias, é um livro condenado a morte”, levando a crer que o fazer artístico é assim considerado por apresentar-se não como um produto acabado.

Considerações finais

Esta abordagem tomou como ponto de partida reflexões em torno dos conceitos de teoria e de crítica, sobretudo no âmbito da Literatura. Como se viu, o trabalho de Wellek & Warren apresenta pontos de vista interessantes no que diz respeito tanto ao conceito de teoria assim como de crítica. Conforme seus pontos de vista, o conceito de teoria literária teria os seus traços de existência no séc. V a.C. Mas foi com Platão que realmente começa.

Os demais autores discutidos ao longo do trabalho, relativamente aos conceitos de teoria e crítica literárias, Wellek & Warren, Machado de Assis, Medeiros e Atkins, de certa forma, concordam. Eles percebem os conceitos de teoria e crítica literárias de maneira igual, como conceitos que devem ser tratados em paralelo e com a função de conceituar a produção literária, tendo em conta a origem, o tempo, os valores, gênero, função e história, estabelecendo simultaneamente, o que cada época considera importante em termos artísticos e culturais.

Sendo assim, teoria e crítica literárias seriam uma forma de libertar as obras literárias, proporcionando um campo para análises, das quais, pelo menos, todos pudessem participar com ideias, contribuindo, de certa forma, para a conceitualização da Literatura. Por outro lado, numa vertente filosófica de Platão, os termos em alusão, teoria e crítica literárias, representam o esforço de sistematização e de conceitualização de valores morais, estéticos, culturais, resultantes da união de várias doutrinas filosóficas e políticas do crítico filosófico.

Nesse contexto, esses conceitos constituem um processo de avaliação, análise de uma obra ou de obras literárias. Portanto, teoria e crítica literárias podem ser vistas como conceitos cuja tarefa é reformular o senso comum, guiando-o para uma nova visão do mundo, uma nova forma de perceber o significado, função, sobretudo, como elas são.

Com efeito, atendendo ao objetivo último deste artigo, que foi de apresentar os aspectos divergentes entre os conceitos de teoria e crítica literárias, chegou-se à conclusão de que a diferença reside no objeto de estudo, enquanto a teoria se preocupa com os critérios de classificação das obras literárias, a crítica preocupa-se com as profundezas, ou melhor, as entranhas, a essência das obras literárias.

Referências

- Aguiar e Silva, V. M. de. (2007). *Teoria da Literatura*. 8.ed. Coimbra: Livraria Almedina.
- Aguiar e Silva, V. M. de. (1976). *Teoria da Literatura*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Atkins, J. W. H. (1934). *Literary criticism in antiquity: A sketch of its development*. Volume II - Graeco-Roman. London: Cambridge.
- Coutinho, E. (S/d). Criação e crítica: reflexões sobre o papel do crítico literário. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2015/04/criac3a7c3a3o-e-crc3adtica-reflexc3b5es-sobre-o-papel-do-crc3adtico-literc3a1rio-eduardo-coutinho.pdf>
Acesso em: 12 abr.2023.
- Culler, J. (1999). *Teoria literária: Uma Introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, Ltda.
- Holanda, L. (2012). Reconsiderando a crítica literária. *Revista Fronteiraz*, São Paulo, nº 8, nº1, p. 1-14, Julho de 2012.
- Lima, L. C. (1983). *Teoria da literatura em suas fontes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Medeiros, C. L. (2015). *A crítica literária de Friedrich Schlegel*. 405f. Tese (Doutorado) em Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, S. (2009). *Teoria da literatura III*. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/320077718/TEORIA-DA-LITERATURA-III-pdf> . Acesso em: 12 abr.2023.
- Samuel, R. (2002). *Novo manual de Teoria literária*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Santa, E. V. de. (dez. 2011). *A Literatura em meio digital e a Crítica literária*. *Hipertextus Revista Digital* (www.hipertextus.net), S/v, n.7, p. 1-13.
- UCB. (2006). *Teoria da Literatura I*. Rio de Janeiro: UCB. Disponível em: [http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Teoria da Literatura I.pdf](http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Teoria_da_Literatura_I.pdf) Acesso em: 12 abr.2023.
- Wellek, R.; Warren, A. (1966). *Teoria literária*. 4.ed. Versão espanhola de José Maria Gimeno. Madrid: Editorial Gredos.

Recebido em: 10/02/2023

Aceito em: 20/05/2023

Para citar este texto (ABNT): CHAHA, Bonete Júlio João. Teoria da Literatura: distinção entre teoria e crítica literárias. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.346-357, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Chaha, Bonete Júlio João. (mai. 2023). Teoria da Literatura: distinção entre teoria e crítica literárias. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 346-357.



Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>